

Capítulo I

Utajima é uma pequena ilha com mil e quatrocentos habitantes e menos de quatro quilómetros de perímetro. Há nela dois locais que, pela sua beleza, merecem especial referência. Um deles é o templo xintoísta de Yashiro, virado a noroeste e construído junto ao ponto mais elevado da ilha. O templo domina completamente a vasta baía de Ise; a ilha situa-se na entrada do estreito que liga a baía com o oceano Pacífico. A norte situa-se a vizinha península de Chita e a península de Atsumi estende-se para nordeste. A oeste, avistam-se a costa entre os portos de Uji-Yamada e de Yokkaichi em Tsu.

Quem subir os degraus de pedra que levam ao templo e se voltar ao chegar ao *torii*¹ guardado por dois leões de pedra poderá ver essas praias longínquas que abraçam a baía de Ise, celebrizada por alguns séculos de História. Noutros tempos, houve naquele local dois pinheiros, cujos ramos entrelaçados lembravam curiosamente o aspecto de um *torii*; chamavam-lhe os «pinheiros-*torii*», mas já morreram de velhice há uns anos.

No momento em que se passa esta narrativa, as agulhas dos pinheiros verdes circundantes ainda estão verdes, mas já as algas da Primavera tingem de vermelho a superfície da água, junto à praia. A monção de noroeste sopra sem cessar de Tsu e está demasiado frio para se poder apreciar a paisagem demoradamente.

O Templo de Yashiro é dedicado a Watatsumi-no-Mikoto, deus do mar. Como Utajima é uma ilha de pescadores, é natural que os habitantes adorem esse deus. Não se cansam de rezar para que o mar se mantenha calmo e o seu primeiro cuidado, quando escapam a algum perigo, é ir logo levar uma oferenda ao templo do seu deus.

O templo de Yashiro tinha um tesouro de sessenta e seis espelhos de bronze. Um deles, do século VIII, representava um cacho de uvas.

Outro era uma antiga cópia de um espelho chinês das Seis Dinastias, de que só existem quinze ou dezasseis exemplares em todo o Japão. O veado e os esquilos representados nas costas desta peça provinham certamente de uma floresta da Pérsia e só vieram encontrar descanso em Utajima após um périplo que os levou a percorrer metade da Terra, atravessando continentes e mares sem fim.

Outro panorama esplêndido se oferece à contemplação dos olhos do farol vizinho, no cume do monte Higashi, que cai a pique para o mar. Aos pés da falésia, a corrente do canal de Irako não pára de rugir. Nos dias de vento, esta estreita passagem entre a baía de Ise e o Pacífico é um mundo de remoinhos. A extremidade da península de Atsumi avança através do canal, e sobre as suas praias rochosas e desoladas ergue-se o pequeno farol sem guarnição do cabo de Irako. Do sudeste do farol de Utajima avista-se um canto do Pacífico e, na direcção do nordeste, do outro lado, a baía de Atsumi; além disso, para lá das montanhas, de madrugada, quando sopra um forte vento de oeste, vê-se por vezes o monte Fuji.

Quando um vapor vindo de Nagoya ou de Yokkaichi ou que para lá se dirige passava pelo canal de Irako, abrindo caminho através de um sem-fim de barcos de pescadores dispersos ao longo do canal, entre a baía e o mar livre, o guarda do farol conseguia facilmente ler o seu nome com a luneta. O *Tokachi-maru*, cargueiro de 1900 toneladas da companhia Mitsui, acabava precisamente de entrar no campo de visão da luneta. O guarda do farol vislumbrou dois marinheiros de roupa de trabalho cinzenta, a tagarelar e a bater com os pés no convés do navio. Um momento depois, um cargueiro inglês, o *Talisman*, entrava no canal e dirigia-se para o porto. O guarda via distintamente os marinheiros, que pareciam muito pequenos, a jogar a malha sobre o convés.

O homem voltou-se para uma mesa do quarto de vigia e inscreveu no «Registo dos Movimentos de Navegação» o nome dos barcos, a sua direcção e a hora de passagem. Seguidamente, enviou uma mensagem telegráfica, que permitiria às agências nos portos de destino preparar imediatamente as suas operações.

Durante a tarde, a luz do Sol que descia no céu foi cortada pelo monte Higashi e as cercanias do farol caíram na sombra. Um falcão rodopiava no céu claro, por cima do mar. Lá no alto, dobrava uma asa, e depois a outra, como para as experimentar e, no momento em

que julgaríamos que iria cair, recuava bruscamente e ficava a planar, as asas imóveis.

O Sol pusera-se definitivamente; um jovem pescador seguia ligeiro pelo caminho que conduz da aldeia ao farol, com um grande peixe a balançar na mão.

O jovem não tinha mais de dezoito anos e saíra do colégio no ano passado. Para a idade, era grande e bem constituído, só traindo a juventude pela cara. A pele dele estava bronzeada pelo sol até mais não. Tinha o nariz bem talhado, característico dos habitantes da ilha. Os lábios, tinha-os gretados. Nos olhos negros havia um brilho — mas não o dos intelectuais; era a oferenda do mar aos que dele vivem; com efeito, as suas notas na escola não podiam ser mais medíocres. Ia com a roupa que levava todos os dias para a pesca: umas calças herdadas do defunto pai e um casaco de homem do mar.

O rapaz passou diante do recreio já deserto da escola primária e escalou a subida que corria ao lado do moinho de água. Subiu os degraus de pedra e encontrou-se nas traseiras do Templo de Yashiro. No jardim do templo, flores pálidas à luz do crepúsculo enfeitavam os pessegueiros. Dali, bastavam-lhe dez minutos a subir para chegar ao farol.

A vereda era tão perigosamente íngreme e sinuosa que quem não estivesse habituado a subi-la perderia certamente o equilíbrio, mesmo em pleno dia. Mas o rapaz até poderia seguir de olhos fechados, que o seu pé saberia escolher sítio seguro para apoiar-se entre as rochas e as raízes salientes dos pinheiros; mesmo nesse momento em que seguia absorto nos seus pensamentos não tropeçou uma única vez.

Um pouco antes, enquanto ainda restavam uns raios de sol, o barco em que o rapaz andava embarcado, o *Taihei-maru*, regressara ao porto de Utajima. Todos os dias subia a bordo deste pequeno barco a motor com o mestre e um camarada e partia para a pesca. Regressados ao porto, transbordaram os peixes capturados para o barco da cooperativa e, depois de terem içado o seu próprio barco para a praia, o jovem tomou o caminho da casa do faroleiro, levando na mão a solha que destinava ao guarda do farol. A sombra começava a cair sobre a praia, onde reinava a agitação provocada pelos gritos de muitos pescadores que içavam os seus barcos pela areia acima.

Uma rapariguinha que o jovem não conhecia encontrava-se encostada a uma armação sólida de madeira, a que, pela forma que tinha,

chamavam ábaco, erguida na areia. Essas armações eram colocadas sob a quilha dos barcos, os quais eram depois puxados para a praia, por meio de um cabrestante preso à ré, de maneira a deslizarem suavemente sobre a areia. A rapariguinha tinha o ar de quem acabara de fazer a sua tarefa e se encostara para retomar o fôlego.

O suor humedecia-lhe a fronte, as faces ardiam-lhe. O frio vento de oeste soprava bastante forte, mas a jovem rapariguinha parecia sentir prazer a oferecer-lhe a face afogueada do trabalho e deixava os cabelos ondular ao sabor da brisa. Vestia roupas de trabalho: casaco sem mangas forrado de algodão, calças apertadas nos tornozelos e luvas de trabalho do tempo da guerra, todas sujas. A cor sadia da pele não era diferente da das outras raparigas da ilha, mas havia um não sei quê de refrescante no olhar, um não sei quê de tranquilidade nas sobrançelas. Tinha o olhar fixamente cravado num ponto do céu por cima do mar, a oeste. Nesse ponto do horizonte uma mancha vermelha de Sol surgia no meio de uma montanha de nuvens a deitar para o negro.

O rapaz não se recordava de ter já visto tal face, e, no entanto, não deveria haver em Utajima nenhuma cara que não conhecesse. À primeira vista parecia pessoa de fora. Mas nada na maneira de vestir a dava como estranha à terra: só o modo como, solitária, fitava o mar a diferenciava das outras raparigas, tão vivas e alegres.

O rapaz passou propositadamente diante dela e deteve-se na sua frente, escrutinando-lhe a face como uma criança que observa um objecto estranho. A rapariga franziu ligeiramente o sobrolho e logo voltou à sua contemplação obstinada do mar, sem desviar o olhar para o rapaz.

Terminado o exame, o jovem, que não abrira a boca, seguiu em frente em passo ligeiro...

Partira despreocupado, contente de ter satisfeito a sua curiosidade. Só depois, quando começou a subir a vereda que levava ao farol, sentiu chegar-lhe a vergonha por se ter posto a encarar a rapariga tão grosseiramente.

Baixou o olhar e, por entre os pinheiros que bordejavam a vereda, viu a maré que subia rugindo. Antes de a Lua se levantar, já o mar se encontrava completamente negro. Ao entrar na curva que tornea o que era conhecido como a «Colina da Mulher» (dizia-se que por vezes o viajante encontrava por ali o fantasma de uma mulher de elevada estatura), começou a ver, muito lá em cima, as janelas fortemente

iluminadas do farol. O brilho ofuscou-o por um momento: o motor que fornece a luz à ilha estava avariado desde há algum tempo e na aldeia só se usavam candeeiros a óleo.

Se o rapaz costumava levar muitas vezes um peixe ao faroleiro, era para lhe manifestar o seu reconhecimento. No ano passado reprovara no exame final do colégio e, ao que parecia, teria de repetir o ano para poder voltar a apresentar-se à prova. Mas a mãe do rapaz, que passava com frequência pelo farol quando ia apanhar caruma para o aquecimento, travara amizade com a mulher do faroleiro. Contou-lhe que não lhe seria possível prover à subsistência dos seus se o filho reprovasse.

A mulher do faroleiro falou ao marido, que era amigo íntimo do director do colégio; foi falar com este e, graças à diligência, a sentença de reprovação foi anulada e o rapaz conseguiu obter o diploma.

Depois de deixar a escola, o rapaz fez-se pescador. De tempos a tempos levava ao farol uma parte da pesca. Como ia muitas vezes fazer compras para o casal, o faroleiro e a mulher acarinhavam-no muito.

A casa de habitação do guarda situava-se mesmo ao lado de uma escada de cimento que levava ao farol e tinha uma pequena horta. Ao aproximar-se, o jovem distinguiu através da porta envidraçada a silhueta da mulher que andava de um lado para o outro, certamente muito atarefada com o jantar.

Anunciou a sua presença chamando de cá de fora e a mulher abriu a porta.

— Ah! É você, Shinji-san — disse ela.

O rapaz estendeu-lhe a solha, sem proferir palavra.

A mulher pegou no peixe e exclamou, mas agora empregando o nome de família:

— Ó homem, Kubo-san veio trazer-nos um peixe.

De uma sala vizinha, respondeu a voz afectuosa do guarda:

— Mil vezes obrigado. Anda, entra, entra cá para dentro, Shinji.

O rapaz aguardava timidamente no umbral da porta da cozinha. A solha tinha sido pousada num prato grande esmaltado; a cauda rebrihava, o sangue saía pelas guelras e espalhava-se na pele branca e luzidia.